

ASPECTOS MORFOLÓGICOS DO FALAR AFRO-GUAPOREANO

Cezanildo Alves Soares¹
Geralda De Lima V. Angenot²

Toda língua muda e varia. O que hoje é visto “certo” já foi “errado” no passado. O que hoje é considerado como “erro” pode vir a ser perfeitamente aceito como “certo” no futuro da língua. (BAGNO, Marcos. 2000, p.143).

1.1 Aspectos Históricos

O processo de colonização e povoamento no Vale do Guaporé ocorreu no contexto de disputa entre a colônia portuguesa e espanhola, levando à assinatura do Tratado de Madri que sucedeu em 1750. Os negros foram trazidos da África como mão-de-obra escrava para satisfazer a ambição desmedida dos exploradores na busca do ouro e conquista de territórios. Durante a colonização pelos estrangeiros, com objetivo de adquirir à força e explorar a magnificência do Vale do Guaporé, várias missões foram fundadas próximas às minas de Mato Grosso, por exemplo, Santa Rosa, São Miguel, São Simão, Pouso Alegre; esta última foi elevada em 1746 à categoria de município com o nome de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Nos últimos trinta anos do século XVIII, quando a produção das minas entrou em decadência, a região passou por um processo de descolonização, permanecendo no local apenas negros, descendentes de escravos e indígenas da região. O regime escravagista que imperava no Brasil durante o período colonial contribuiu para que a região do Guaporé, abandonada pelos brancos devido à inospitalidade do lugar e difícil contato com a Metrópole, fosse refúgio de negros rebelados e dos demais negros

¹. Graduado em Letras, Pesquisador do CEPLA- Centro de Pesquisas Linguísticas da Amazônia- Universidade Federal de Rondônia-UNIR, Campus de Guajará-Mirim.

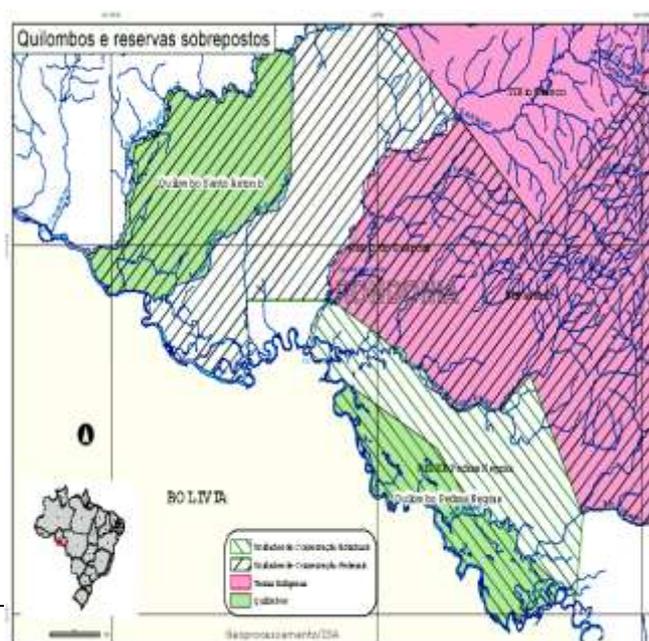
². Pós Dr.^a. em Linguística Afro-Diaspórica, Dr.^a. em Linguística Indigenista. Profa. Adjunto do Departamento de Ciências da Linguagem- Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Guajará-Mirim.

cativos que após abandonados à própria sorte por seus senhores tornaram-se donos de seus destinos, juntando-se aos quilombos.

Enfim, os descendentes de escravos do Vale do Guaporé construíram uma história de luta e resistência à escravidão, formaram grupos em diferentes localidades da região, mas sempre se mantendo em contato e assim contribuindo para o desenvolvimento sociocultural e econômico da região.

1.2 Aspectos Geográficos

A região do Vale do Guaporé (*vide* mapa 1) pertence aos Estados de Rondônia e Mato Grosso, no lado do Brasil, e às regiões de Santa Cruz, Beni e Pando, no lado da Bolívia, os rios Guaporé e Mamoré servindo de fronteira entre Brasil e Bolívia. Estende-se desde o sopé das Chapadas dos Parecis e Pacaás Novos no Estado de Rondônia, até atingir os Andes, na República da Bolívia; na direção sudeste se prolonga pelo Estado de Mato Grosso. A porção pertencente ao Estado de Rondônia é restrita, fica limitada na direção Leste – Oeste entre a Chapada dos Parecis e rios Guaporé e Mamoré, ambos, linhas de limite entre o Brasil e a Bolívia; na direção Norte – Sul, entre a Encosta Setentrional e o rio Cabixi, nos limites com o Estado de Mato Grosso.³



³ Vale do Guaporé

Fonte: http://www.socioambiental.org.br/nsa/mapas/img/map_28102005.gif/mapa

Ao longo do Guaporé, encontram-se várias comunidades quilombolas, resultantes da colonização da época do ouro. Hoje, lugares como Pedras Negras e Santo Antônio do Guaporé sobrevivem de extrativismo, de caça, de pesca e de agricultura.

1.3 Aspectos Linguísticos

Nesse cenário histórico e geográfico, em meio à colonização, povoamento e dizimação entre colonizadores e colonizados, oprimidos e opressores, a língua manteve-se sempre viva e, portanto, em movimento. Como diz LUFT⁴: “uma língua viva está em constante evolução; dialetos, gírias, neologismo, estrangeirismo, tudo faz parte dela, dessa ebulição que a mantém animada”.

É notório que as comunidades descendentes de escravos negros que se aquilombaram no Vale do Guaporé preservaram alguns traços linguísticos de origem africana; também, por viverem numa região isolada, conservaram alguns arcaísmos característicos do português; e, finalmente, pelo contato com outros falares da região, com as línguas indígenas, com o espanhol e outras variedades do português trazidas por imigrantes mais recentes, assimilaram traços culturais e linguísticos desses últimos. Como exemplo, podemos citar as pronúncias africadas [tʃ] e [dʒ] encontradas como variantes do português de várias partes do Brasil, são traços compartilhado com as línguas da África Ocidental, de onde escravos foram trazidos para o Brasil nos meados do século XVI, durante o ciclo do tráfico negreiro. Temos alguns exemplos em Guiné-Bissau [ˈbedʒu], “beijo”, [ˈtʃoma] “toma”; em Crioulo de São Tomé e de Príncipe [ziˈgãtʃi], “gigante”, [ˈdɛtʃi], “dente”, [tʃiˈla], “tirar”, na comunidade negra do Vale do Guaporé [ˈdʒɛ̃ˈtɛ] “gente”.

Observando a diáspora africana percebemos que uma grande maioria de escravos falantes das quase seiscentas línguas bantu existentes entre o oceano Atlântico e Índico foram capturados no interior do continente e

⁴. LUFT, Celso (1997: 98).

levados às colônias que precisavam de mão-de-obra escrava, sendo o Brasil uma das que mais recebeu escravos durante o século XVI e XVII para o cultivo da cana de açúcar e do fumo; no século XVIII na exploração das minas de ouro e diamantes, na cultura do algodão, do arroz e a colheita e especiarias e, finalmente, século XIX no plantio do café. Com a chegada dos escravos no Brasil, vários termos, como *banzo*, *batuque*, *bunda*, *calombo/catombo*, *macaco*, etc, começaram a fazer parte do vocabulário brasileiro, sendo alguns já integrados no português europeu daquela época. Esses novos lexemas oriundos das línguas envolvidas contribuíram para a formação lexical do Português Brasileiro (PB), evidentemente, readaptando-os ao serem integrados ao português através da aplicação de regras morfológicas e fonológicas específicas. É o que levou também ao nascimento de variedades sub-padrão, faladas, geralmente, por grupos que não contam com prestígio social. Como exemplos citam-se 227 vocábulos da língua Quimbundo⁵, falado no Brasil, Salvador/Bahia por volta do século XVII e vocábulos Iorubá⁶, século XIX, onde muitos desses vocábulos já se integraram no falar culto do povo brasileiro, e outros estão mais restritos ao falar de comunidades quilombolas e rurais, e alguns, ainda, são específicos de manifestações religiosas e culturais. No entanto, consta no falar afro-guaporéano, alguns lexemas que são resultados de aplicação de regras que explicam as irregularidades e/ou regularidades nas relações lexicais, alguns usados de forma generalizada no falar brasileiro; e diante desta contextualização, acreditamos que os diferentes substratos na formação do léxico e gramática da língua vernácula em contribuído à atribuição do falar subpadrão das comunidades afro-brasileiras e que muito têm em comum com a do brasileiro em geral. Os fenômenos linguísticos encontrados no falar dos negros do Guaporé podem ser explicados por regras fonológicas e/ou morfológicas, pois ambas mantêm interface nas mudanças que ocorrem no corpo fônico dos traços segmentais que se unem para formar unidades lexicais.

2. Metodologia

⁵. Id. (2008:106 e 107). *Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil*. Ibid. FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Org.).

⁶. Língua dos iorubanos, que vivem no sudoeste da Nigéria, no Benim e no Togo; nagô.

O nosso trabalho iniciou-se com entrevistas de cinco informantes de remanesência quilombola que viveram no Vale do Guaporé. Coletamos um corpus linguístico e separamos alguns vocábulos que sofreram modificação em sua estrutura, em certos casos pela sua relação com outro vocábulo, resultando numa concatenação, tornando uma forma geralmente estigmatizada pelo fato de não estar nos moldes do falar culto. Apresentamos no quadro abaixo as referências de nossos informantes.

Quadro 1:

Iniciais dos nomes	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Viveu maior parte de sua vida
A. C.	64	Analfabeta	Pedras Negras	52 anos no Vale do Guaporé.
A. S.	74	Analfabeta	Vila Bella	50 anos viveu no Vale do Guaporé.
E. C	50	Ensino médio	Vila Bela	9 anos em Pedras Negras e 34 em Guajará-Mirim.
F. S. N	90	Analfabeto	Ilhas das Flores	62 anos no Vale do Guaporé
T. N. T	74	fundamental, até o 4º. ano	Costa Marques	34 anos no Vale do Guaporé.

As entrevistas com os cinco informantes acima foram coletadas através de conversas informais, registrada em gravador digital e transcrito foneticamente. Parte do corpus nos foi fornecido pela acadêmica Joane de Lima Santiago, bolsista PIBIC/CNPq-UNIR, 2007/2008, sob a orientação de ANGENOT⁷ que realizou uma pesquisa sobre “ *O falar das benzedeadas e rezadeiras do Vale do Guaporé*”. Buscamos mostrar que as palavras levantadas aqui sofrem reduções morfológicas, as quais são resultados de alguns processos ou regras morfofonológicas intrínsecas da própria língua (por exemplo, a adição ou perda de fonemas, metátese, harmonia vocálica, etc.).

O falar vernáculo afro-guaporeano foi marcado por contatos linguísticos na região, sendo que já havia um substrato formado pela remanesência da língua dos seus ancestrais africanos e o português da época colonial. Passaremos a descrever alguns aspectos morfofonológico de palavras simples ou em contato.

⁷ Jean-Pierre Angenot, Dr. em Etnolinguística africanista bantu. Prof. Titular da Universidade Federal de Rondônia-UNIR.

- ✓ “*para*” / para / >⁸ ['pra];
- ✓ “*para os*” / para # os / > ['prus];
- ✓ “*para você*” / para # vose / > [pro'se] ~ [pru'se];
- ✓ “*de onde*” / de # onde / > ['dõdʒɪ];
- ✓ “*de antes*” / de # antes / > ['dãtʃɪ];
- ✓ “*de agora*” / de # agora / > [da'gɔrɐ];
- ✓ “*com os*” / kom # os / > ['kõs];
- ✓ “*estão*” / estãõ / > ['tãõ];
- ✓ “*assistir*” / asistir / > [sis'ti];
- ✓ “*atacava*” / atakava / > [ta'kavɐ];
- ✓ “*arrecadava*” / axekadava / > [xɛka'davɐ];
- ✓ “*adoeceu*” / adueseu / > [due'seu];
- ✓ “*ajuda*” / aʒuda / > [a'ʒudɐ];
- ✓ “*infecção*” / infeki'sãõ / > [infeki'sãõ];
- ✓ “*hemorragia*” / emoxaʒia / > [moxa'ʒiɐ];
- ✓ “*amarrei*” / amaxeɪ / > [ma'xeɪ];
- ✓ “*acabar*” / akabar / > [ka'ba];
- ✓ “*acordei*” / akoxdeɪ / > [kox'deɪ];
- ✓ “*roupa*” / rou pa / > ['xopɐ];
- ✓ “*tesoureiro*” / tezoʊreɪru / > [tezo'reru];
- ✓ “*Moura*” / moʊra / > ['moɐɐ];
- ✓ “*trouxe*” / trouxi / > ['troʃi];
- ✓ “*pouco*” / pouku / > ['poku].

1) Ocorrência de Elisão e Metátese:

“*para*” / para / > ['pra] (CVCV > CCV)

Neste caso, morfológicamente ocorre o “encolhimento” do vocábulo, preposição, mostrando assim, uma variação na pronúncia e na estrutura

⁸. (>) este símbolo significa “ transforma-se em”.

formal. Podemos dizer, conforme MATTOSO CAMARA, que ocorreu o processo de Elisão *lato sensu*. Ele afirma que elisão em seu sentido amplo, usa-se para qualquer supressão de fonema no vocábulo. Nesse caso, o fundamental é observarmos como o fenômeno se processa. Vejamos:

O fonema sucumbido foi a vogal átona da segunda sílaba / ra /. Na língua portuguesa, a vogal tônica sempre se sobrepõe a átona. Seguindo, há o processo de Metátese entre a vogal / a / e o / r / . Com a atuação desses dois processos o vocábulo “para” / para / > ['pra], causando uma mudança morfofonológica na palavra, tornando-a adequada ao sistema linguístico da comunidade.

De acordo com VIARO⁹ (2005:211-247), a língua escrita reconhece a forma coloquial ['pra], mas há outra, ainda mais espontânea na oralidade ['pa], a qual encontra-se em todo o Português Brasileiro (PB), bem como no Português Europeu (PE)¹⁰, no asturiano, no andaluz e em diversas regiões da África e da Ásia.

Convém ressaltarmos que nos escritos literário já é comum a estrutura ['pra], ficando apenas a forma / para /, restrito às leis, às regras, em documentos oficiais ou em falas monitoradas.

2) Processo morfofonológico, Elisão *stricto sensu*¹¹, Metátese¹² e Fusão¹³, presentes no contato de “para + os”:

“para os” / para#os / > ['prus] (CVCV #¹⁴ VC > CCVC)

Nesses exemplos, ocorreram a Elisão *stricto sensu*, Metátese e Fusão, respectivamente:

Tabela 1:

Fenômenos morfofonológicos	Exemplo	Descrição Estrutural
----------------------------	---------	----------------------

⁹ VIARO, Mário Eduardo, Op. cit (2005: pp 211-247).

¹⁰ Idem e Ibidem (2005:211):

¹¹ Termo usado por Mattoso Câmara (1988:104). *Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa* consiste na supressão oral e gráfica da vogal átona final de um dos vocábulos, quando o segundo no mesmo grupo de força, começa por vogal, impõe perda de fonemas:

¹². Mudança linguística que consiste na permuta de fonemas ou sílabas dentro de um vocábulo.

¹³ Consiste no processo de transformação de dois elementos contíguos (como sons, morfemas) num terceiro. É permitida apenas quando dois vocábulos se juntam e a oralidade impõe perda de fonema.

¹⁴ (#) este símbolo representa o limite de lexema ou palavra.

Elisão: / a /	para #os > par os	CVCV # VC > CVC # VC
Metátese: / a / e / r / + elisão: /a/ + queda de limite externo de palavra	> pra # os	CCV # VC
Levantamento vocálico: /o/ em /u/	> pros	CCVC
Transcrição fonética	> ['prus]	CCVC

Os processos morfofonológicos que ocorreram fazem com que a preposição / **para** / (CVCV) tivesse sua vogal átona suprimida e o artigo plural / **os** / mantêm-se; em seguida ocorre a Metátese entre / a / e / r /, e a perda do fonema /a/, também ocorre o levantamento da vogal média /o/ em uma vogal alta /u/.

3) Processos morfológicos atuantes em “para + você”:

“para você” / para#vose / > [**pro'se**] (CVCV # CVCV > CCVCV)

Tabela 2:

Fenômenos Morfofonológicos	exemplo	Estrutura
Elisão: / a /	Para # você > par você	CVCV#CVCV > CVC # VCVC
Metátese: / r / + elisão: /a/ e /v/	pra # você >	CCV # CVCV
Queda do limite de palavra	procê	CCVCV
Transcrição fonética	[pro'se]; [pru'se]	CCVCV

Os fenômenos linguísticos ocorrem através de três critérios morfofonológicos, seguindo o mesmo princípio já mencionado acima. A sequência / **pra vose** /, resulta da Metátese entre / r / e /a/. Em seguida, houve a Elisão da vogal / a /, a elisão da consoante fricativa / v / e a queda do limite externo de palavra.

De acordo com Viario¹⁵ a forma morfológica “você” vive no PE (com [ɔ] aberto) e no Crioulo Indo-Portugueses (CPI),¹⁶ e no PB há registro de [**o'se**]

¹⁵. Op. Cit (2005:236) SILVA, Luiz Antônio da. (Org)

¹⁶. Op. Cit (2005:212 e 213). SILVA, Luiz Antônio da. (Org)

e ['se]. Em vista disso, podemos dizer que há uma certa semelhança dos falares PB, PE e CPI com o do afro-guaporeano, pois que as formas [o'se] e ['se] provavelmente ocorre nos falares das comunidades citadas, porém o que é característico do falar afro-guaporeano é que o vocábulo “você” que é realizado [o'se] ou [u'se] somente quando é antecedido pela preposição “para”, quando é utilizado isolado tem a estrutura [vo'se]. Não descartamos a possibilidade de existir a pronúncia [o'se] ou ['se] isolados quando pronunciados em registro estilístico hipoarticulado, porém, não encontramos nos dados utilizados para a realização deste trabalho.

4) Processos morfológicos concorrentes de Elisão strictu sensu e Fusão nos exemplos seguintes: de onde /de # onde/ > ['dõdʒi] (CV # Õ\$CV > CÕ\$CV); de antes / de # antes / > ['dãtʃi] (CV # Õ\$CVC > CÕ\$CV); de agora / de # agora / > [da'gõra] (CV # V\$CV\$CV > CV\$CV\$CV). Vejamos as tabelas.

Tabela 3.1: Processos morfofonológicos que estão ocorrendo na expressão “de onde”

Fenômenos Morfofonológicos	Exemplo	Estrutura
Queda do limite externo de palavra e elisão: / e /	de#onde >	CV#Õ\$CV
Fusão / d # onde / Africatização da oclusiva e levantamento da vogal final	donde >	CÕ\$CV
Transcrição fonética	['dõdʒi]	CÕ\$CV

Tabela 3.2

Processos morfológicos que estão ocorrendo na sequência “de antes”

Fenômenos Morfofonológicos	exemplo	Estrutura
Queda do limite externo de palavra; Elisão: / e / e / s / final	de#antes >	CV#Õ\$CVC
Fusão: / d + antes / Africatização da oclusiva	dante >	CÕ\$CV

Transcrição fonética	['dãtʃi]	CVCV
----------------------	------------	------

Tabela 3.3

Processos morfofonológicos que estão ocorrendo no exemplo “de agora”

Fenômenos Morfofonológicos	Exemplo	Estrutura
Queda do limite externo de palavra; Elisão: / e /	de#agora >	CV#VCVCV
Fusão: / d + agora /	dagora >	CVCVCV
Transcrição fonética	[da'gɔra]	CVCVCV

A mudança morfofonológica nos três exemplos acima é resultante da Fusão que decorre da queda do limite externo de palavra e da Elisão *stricto sensu*. A vogal átona do primeiro elemento que é a preposição “de” é sempre suprimida, mantendo a pré-tônica ou a tônica do segundo. Portanto, segue a tendência natural da língua. É importante enfatizarmos que “*donde*” ['dõdʒi] que indica procedência, origem; já era utilizado no latim para indicar lugar de origem. Acreditamos na naturalidade que a língua tem e nas diversas opções do falante em usufruir das regras disponíveis em sua língua, mas há uma tendência em afunilar essas possibilidades. Conforme LUFT (1991:95) “o sistema de regras que o falante possui vai sendo perturbado, solapado pelo ensino de fora para dentro, teorizante, preconceituoso e opressor”.

5) Processos morfológicos que ocorrem no exemplo: “com os” > / kom # os / > ['kūs] (CVC#VC > CVC)

Tabela 4:

Fenômenos Morfofonológicos	Exemplo	Estrutura
Elisão: /o / vogal átona pós-tônica Queda do limite de externo de palavra	Com # os >	CVC#VC
Fusão: / coN + s > / Levantamento da vogal média /o/em vogal alta /u/, e nasalização da vogal u.	cons > cūs	CVC

Transcrição fonética	[kûs]	C̃VC
----------------------	---------	------

6) Processos morfológicos que ocorrem na sequência interrogativa:

“como é?” / komo # ε / > [kû'mε] (C̃VCV # V > C̃VCV)

Tabela 5:

Fenômenos Morfofonológicos	Expressão	Estrutura
Elisão: vogal /o/ átona do primeiro elemento; Queda do limite de lexema	Como # é? > com é >	C̃VCV # V > *C̃VC # V
Fusão: “com + é”; Queda do acento tônico do primeiro elemento; Levantamento vocálico; /o/em /u/ e nasalização	comé >	C̃VCV
Transcrição fonética	[kûmε]	C̃VCV

Morfologicamente este fenômeno é explicado pela Elisão *stricto sensu* ocorrida mediante o processo sândi. Consideramos que o segundo elemento é iniciado por vogal tônica, quando isso ocorre no mesmo grupo de força, a vogal átona final do primeiro vocábulo, por ter menos força, tende a ser elidida, originando uma nova estrutura morfológica e acentual, pois ao haver a elisão, o acento tônico de uma das palavras se apaga e apenas um deles se mantém na nova estrutura, o mais forte. Quanto ao levantamento do fonema / o / por / u /, ocorreu porque passou a pertencer a uma estrutura silábica átona pré-tônica. O enfraquecimento vocálico nesse contexto é comum na oralidade do português.

7) Casos de Aférese¹⁷ que ocorre nas seguintes lexias:

“estão” / estãũ / > ['tãũ] (VC\$¹⁸C̃Ṽ > C̃Ṽ)

Há aqui uma redução morfológica do lexema pela “queda” de fonemas iniciais, é comum com o verbo “**estar**” quando empregado:

¹⁷. Supressão de um fonema ou grupo de fonemas no começo da palavra; ablação. Ex.: batina > abatina; Zé > José.

¹⁸. (\$) este símbolo representa limite de sílaba.

a) no presente do indicativo, 3ª pessoa singular: *está* > *tá* e no pretérito imperfeito do indicativo, 1ª e 3ª pessoa do singular: *estava* > *tava*.

b) no pretérito perfeito do indicativo, 1ª pessoa singular: *estive* > *tive* e na 3ª pessoa singular: *esteve* > *teve*.

c) no futuro do subjuntivo, 1ª e 3ª pessoa singular: *estiver* > *tivé*.

O mesmo processo ocorre nas palavras quando existe a presença do [a] pré-tônico em posição absoluta no início da palavra. Exemplos:

- *assistir* /asistir/ > [sis'ti] (V\$CVC\$CVC > CVC\$CV);
- *atacava* /atakava/ > [ta'kavɐ] (V\$CV\$CV\$CV > CV\$CV\$CV);
- *arrecadava* /axekadava/ > [xɛka'davɐ] (V\$CV\$CV\$CV\$CV > CV\$CV\$CV\$CV);
- *adoeceu* /adoeseu/ > [due'seu] (V\$CV\$V\$CVV > CV\$V\$CVV);
- *ajuda* /a'ʒuda/ > ['ʒudɐ] (V\$CV\$CV > CV\$CV);
- *amarrei* /amaxeɪ/ > [ma'xeɪ] / (V\$CV\$CVV > CV\$CVV);
- *acabar* /akabar/ > [ka'ba] (V\$CV\$CVC > CV\$CV);
- *acordei* /akoxdeɪ/ > ['koxdeɪ] (V\$CVC\$CVV > CVC\$CVV).

Estes exemplos de palavras fazem parte de um grupo que podemos considerar universal, no que tange a semelhança nos falares do português brasileiro quanto ao aspecto fonético e fonológico, sobretudo nas comunidades não letradas.

No Português Brasileiro (PB), em Barra Longa-MG, temos: **guentô, cabô, rumô, dotiva, vançano** e ['bɔbra] convivendo com **abóbora**;

➤ no Crioulo Indo-Portugueses (CPI) de Daman e nos dialetos norteiros contêm: **cabá, cordá, rancá, ranhá, rependê, marelo**;

➤ no Crioulo Português de Guiné-Bissau (CPGB), temos: **marra**, “amarra”; **kaba**, “acabar”; **panha**, “apanhar”; **bafa**, “abafa”;

➤ no Português falado na China (PC), no antigo Crioulo Sino-Português (CPC) possui: **divinhá**;

➤ no CPI do Sri Lanka dispomos de: **bafá, Judá, maldiçoar**;

Também, encontramos na comunidade afro-guaporeana as palavras, infecção > [fekisaũ]; hemorragia > [moxa'ʒiɐ] que também originam-se pela Aférese.

/ in- / > [ĩ] > [ø]; / e / > [ø], isso faz surgir hipóteses que a Aférese ocorre em outros vocábulos da variedade do Guaporé, pois no português brasileiro, há registros desse fenômeno no uso da variante *lamiá* por enlamear, *tristicido* por

entristecido, *Tõe* e *Tônio* por Antônio, *mô* por amor, *Zé* por José, etc. e também, porque esse fenômeno está presente no mundo africano em que o português manteve contato.

8) Processo de monotongação¹⁹ do ditongo²⁰ / - ou / > [o]; exemplos: *roupa* > ['xopɐ]; *tesoureiro* [tezo'reru]; *Moura* > ['moɾɐ]; *trouxe* > ['troʃi]; *pouco* > ['poku].

Estas cinco palavras coletadas em nosso corpus, apresentam redução de ditongo /-ou/ em [o], isto é, monotongação. Este fenômeno ocorre na oralidade do afro-guaporeano, também, aparece no português de Portugal e nas variedades brasileiras²¹. Não restringe-se portanto ao uso regional dessa comunidade.

O fenômeno morfofonológico, nesse caso, é comprovado por estudos acústicos, já que o ouvido humano ouve de forma saliente apenas as qualidades vocálicas no início e no final desse movimento articulatorio dos ditongos. Isso explica porque o ditongo /ou/ é representado na fonética por [o], símbolo de valor mais saliente da percepção dessa articulação, que é o que se mantém na fala oral. Este fenômeno linguístico é bem atuante na oralidade afro-guaporeana e também já é um “*pan-brasileiro*”.²²

3. Considerações Finais

Consideramos que os fenômenos linguísticos levantados no falar afro-guaporeano, na sua maioria, são comuns nas línguas naturais, mas há também casos particulares dessa variedade linguística. No transcorrer de nosso trabalho, mostramos que a comunidade quilombola do Guaporé passou por

¹⁹. Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem cuidada. Cf. Mattoso Câmara, Op.cit. (1988:170).

²⁰. Representam uma única vogal que muda de qualidade durante sua produção e que é representada por um dígrafo (não por duas vogais). Vide CAGLIARI, Luiz Carlos, p. 130. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). (2001). *Introdução à Linguística. Domínio e Fronteiras*. 2ª Edição, v 1. São Paulo: Cortez.

²¹. SILVA DE ARAGÃO, Maria do Socorro. *Ditongação x Monotongação no Falar de Fortaleza*. Universidade Federal do Ceará – UFC. Disponível em: <http://www.profala.ufc.br/trabalho9.pdf>. Acesso em: 13 de maio 2009.

²². Definimos como sendo um traço generalizado no português brasileiro, especialmente na fala não monitorada.

vários contextos sócio-histórico-culturais; desses contatos resultou sua formação linguística, herdando traços fonológicos e morfológicos de outras línguas; assim, é natural que o falar desse povo tenha suas peculiaridades fônicas, lexicais, etc.; e que tenham sido conservados alguns elementos específicos da sua língua ancestral, uma vez que vivia em grupo, distante das grandes metrópoles, numa região de difícil acesso naquela época. Finalmente, podemos dizer que as ocorrências dos fenômenos, os quais enfocamos na nossa pesquisa, como: Metátese, Aférese, Elisão, Fusão e Monotongação, etc.; aqui analisados, na formação estrutural dos vocábulos e no agrupamento desses, não são exclusivos da variedade falada pelo povo afro-guaporeano pois também, são traços generalizados no vernáculo brasileiro em geral. Porém, é uma marca de identidade dos quilombolas do Guaporé que as utilizam mesmo quando monitoram a língua; e mantém esses traços exatamente igual quando já vivem há algum tempo longe da sua localidade. Já os que tem um certo nível de escolaridade fazem o uso policiado de diferentes variantes. Mostramos, portanto, que as palavras sofrem mutações nas estruturas morfológicas pelo apagamento de fonemas inerentes no sistema da própria língua ou pela integração e adaptação de formas internas da língua e que esses processos atuam de maneira contínua, levando ao surgimento de diferentes variedades subpadrão.

Referências Bibliográficas:

BAGNO, Marcos (2001). *A língua de Eulália: novela Sociolinguística*. 11ª Ed. São Paulo: Contexto, 2001.

BOVINI, Emilio. *Línguas Africanas e português falado no Brasil*. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.

CAGLIARI, Luís Carlos. *Análise Fonológica: Introdução a Teoria e Prática com especial enfoque no modelo fonêmico*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à Linguística: Domínio e Fronteiras*. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 2001.

CORBERA, Angel Mori. *Fonologia*. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras*. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Eletrônico, Séc. XXI*.

- FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Org.) (2008). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FILOMENA SANDALO, Maria Spatti. *Morfologia*. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à Linguística: Domínio e Fronteiras*. 2ª Edição – São Paulo: Cortez, 2001.
- LAROCA, M. N. De Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes, 1994.
- LIMA, Santiago Joane de. (2007/2008). *O Falar dos Descendentes de Quilombolas do Guaporé, através dos Dizeres dos Rezadores e Benzendeiras e das Festanças do Congo*. CNPQ PIBIC. UNIR–Guajará-Mirim, 2007/2008.
- LUFT, Celso P. *Língua e Liberdade*. São Paulo: Ática, 1997.
- MATTOSO CAMARA, Joaquim Jr. *Dicionário de Linguística e Gramática: referente à Língua Portuguesa*. 14ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1988;
- MATTOSO CAMARA, Joaquim Jr. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 30 edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ROCHA, Luís Carlos Assis. *Estruturas Morfológicas do Português*. 1º. Edição. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- SILVA DE ARAGÃO, Maria do Socorro. *Ditongação x Monotongação no Falar de Fortaleza*. Universidade Federal do Ceará – UFC. Disponível em: <http://www.profala.ufc.br/trabalho9.pdf>. Acesso em 13 de maio 2009.
- SILVA, Luiz Antônio de (Org.). *A Língua que falamos: Português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005.
- SILVA DE ARAGÃO, Maria do Socorro. *Ditongação x Monotongação no Falar de Fortaleza*. Universidade Federal do Ceará – UFC. Disponível em: <http://www.profala.ufc.br/trabalho9.pdf>. Acesso em 13 de maio 2009.
- TEIXEIRA, Marcos Antônio Domingues & FONSECA, Dante Ribeiro da. *História Regional – Rondônia*. Porto Velho: Rondoniana, 1998.
- VIARO, Mário Eduardo. *Semelhanças entre o Português Brasileiro e as variedades Africanas e Asiáticas*. In: SILVA, Luiz Antônio de. *A Língua que falamos: Português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005.